

para adquirir o tesouro divino, no campo infinito da vida.

Enviando a Jesus um olhar de amor e reconhecimento, Bartolomeu limpou uma lagrima. Era a primeira vez que chorava de alegria. O pescador de Dalmanuta aderira, para sempre, aos eternos jubilos do Evangelho do Reino.

IX

VELHOS E MOÇOS

Não era raro observar-se, na pequena comunidade dos discípulos, o entrechoque das opiniões, dentro do idealismo quente dos mais jovens. Muita vez, o sequito humilde dividia-se em discussões, relativamente aos projetos do futuro.

Enquanto Pedro e André se punham a ouvir os companheiros, com a ingenuidade de seus corações simples e sinceros, João comentava os planos de luta no porvir; Tiago, seu irmão, falava do bom aproveitamento de sua juventude, ao passo que o jovem Tadeu fazia promessas maravilhosas.

— Somos jovens! — diziam. Iremos á Terra inteira, pregaremos o Evangelho ás nações, renovaremos o mundo!...

Tão logo o Mestre permitisse, sairiam da Galiléia, pregariam as verdades do reino de Deus naquela Jerusalém atulhada de preconceitos e de falsos interpretes do pensamento divino. Sentiam-se fortes e bem dispostos. Respiravam a longos haustos e supunham-se os unicos discípulos habilitados a traduzir com fidelidade os novos ensinamentos. Por longas horas, questionavam acerca de suas possibilidades, apresentavam as suas vantagens, debatiam seus projetos imensos. E pensavam consigo: que poderia realizar Simão Pedro,

chefe de familia e encarcerado nos seus pequeninos deveres? Mateus não estava igualmente enlaçado por inadiáveis obrigações de cada dia? André e o irmão os escutavam despreocupados, para meditarem apenas quanto ás lições do Messias.

Entretanto, Simão, mais tarde chamado o "Zelota", antigo pescador do lago, acompanhava semelhantes conversações sentindo-se humilhado. Algo mais velho que os companheiros, suas energias, a seu ver, já não se coadunavam com os serviços do Evangelho do Reino. Ouvindo as palavras fortes da juventude dos filhos de Zebedeu, perguntava a si proprio o que seria de seu esforço singelo, junto de Jesus. Começava a sentir mais fortemente o declínio das forças da vida. Suas energias pareciam descer de uma grande montanha, embora o espírito se lhe conservasse firme e vigilante, no ritmo da vida.

Deixando-se, porém, impressionar vivamente, procurou entender-se com o Mestre, buscando eximir-se das duvidas que lhe roiam o coração.

*

Depois de expor os seus receios e vacilações, observou que Jesus o fitava, sem surpresa, como se tivesse pleno conhecimento de suas emoções.

— Simão — disse o Mestre com desvelado carinho — poderíamos acaso perguntar a idade de Nosso Pai? E, se fossemos contar o tempo, na ampulheta das inquietações humanas, quem seria o mais velho de todos nós? A vida, na sua expressão terrestre, é como uma árvore grandiosa. A infancia é a sua ramagem verdejante. A mocidade se constitue de suas flores perfumadas e formosas. A velhice é o fruto da experiência e da sabedoria. Ha ramagens que morrem depois do primei-

ro beijo do sol e flores que caem ao primeiro sôpro da primavera. O fruto, porém, é sempre uma bênção do Todo-Poderoso. A ramagem é uma esperança, a flor uma promessa, o fruto é realização; só ele contém o doce misterio da vida, cuja fonte se perde no infinito da divindade!...

Ao passo que o discípulo lhe meditava os conceitos, com sincera admiração, Jesus prosseguia, esclarecendo:

— Esta imagem pode ser tambem a da vida do espírito, na sua radiosa eternidade, apenas com a diferença de que aí as ramagens e as flores não morrem nunca, marchando sempre para o fruto da edificação. Em face da grandeza espiritual da vida, a existencia humana é uma hora de aprendizado, no caminho infinito do tempo; essa hora minuscula encerra o que existe no todo. E' por isso que aí vemos, por vezes, jovens que falam com uma experiência milenaria e velhos sem reflexão e sem esperança.

— Então, Senhor, de qualquer modo, a velhice é a méta do espírito? — perguntou o discípulo, emocionado:

— Não a velhice enferma e amargurada, que se conhece na Terra, mas a da experiência que edifica o amor e a sabedoria. Ainda aqui, devemos recordar o símbolo da árvore, para reconhecer que o fruto perfeito é a frescura da ramagem e a beleza da flor, encerrando o conteúdo divino do mel e da semente.

Percebendo que o Mestre estendera seus conceitos em amplas imagens simbólicas, o apostolo voltou a retrair-se em seu caso particular e obtemperou:

— A verdade, Senhor, é que me sinto depauperado e envelhecido, temendo não resistir aos esforços a que se abriga a minha alma, na semeadura da vossa doutrina santa.

— Mas, escuta, Simão — redarguiu-lhe Jesus, com serenidade energica — achas que os moços

de amanhã poderão fazer alguma coisa sem os trabalhos dos que agora estão envelhecendo?!... Poderia a arvore viver sem a raiz, a alma sem Deus?! Lembra-te da tua parte de esforço e não te preocupes com a obra que pertence ao Todo Poderoso. Sobretudo, não olvides que a nossa tarefa, para dignidade perfeita de nossas almas, deve ser intransferível. João também será velho e os cabelos brancos de sua fronte contarão profundas experiências. Não te magoe a palestra dos jovens da Terra. A flor no mundo pode ser o princípio do fruto, mas pode também enfeitar o cortejo das ilusões. Quando te cerque o borboletinho da mocidade, ama aos jovens que revelem trabalho e reflexão; entretanto, não deixes de sorrir, igualmente, para os levianos e inconstantes; são crianças que pedem cuidado, abelhas que ainda não sabem fazer o mel. Perdoa-lhes os entusiasmos sem rumo, como se devem esquecer os impulsos de um menino na inconsciência dos seus primeiros dias de vida. Esclarece-os, Simão, e não penses que outro homem pudesse efetuar, no conjunto da obra divina, o esforço que te compete. Vae e tem bom animo!... Um velho sem esperança em Deus é um irmão triste da noite; mas eu venho trazer ao mundo as claridades de um dia perene.

Dando Jesus por terminado o seu esclarecimento, Simão, o Zelota, se retirou satisfeito, como se houvesse recebido no coração uma energia nova.

*

Voltando á casa pobre, encontrou Tiago, filho de Cleofas, falando á margem do lago com alguns jovens, apelando ardenteamente para as suas forças realizadoras. Avistando o velho companheiro, o apostolo mais moço não o ofendeu, porém fez uma

pequena alusão á sua idade, para destacar as palavras de sua exortação aos companheiros pescadores. Simão, no entanto, sem experimentar qualquer laivo de ciúme, recordou as elucidações do Mestre e logo que se fez silencio, em reconhecendo que Tiago estava só, falou-lhe, com brandura:

— Tiago, meu irmão, será que o espirito tem idade? Se Deus contasse o tempo como nós, não seria ele o mais velho de toda a criação? E que homem do mundo guardará a presunção de se igualar ao Todo-Poderoso? Um rapaz não conseguiria realizar a sua tarefa na Terra, se não tivesse a precede-lo as experiências de seus pais. Não nos detenhamos na idade, esqueçamos as circunstâncias, para lembrar somente os fins sagrados de nossa vida, que deve ser a edificação do Reino no íntimo das almas.

O filho de Alfeu escutou-lhe as observações singelas e reconheceu que eram ditas com uma fraternidade tão pura, que não lhe chegavam a ferir, nem de leve, o coração. Admirando a ternura serena do companheiro e sem esquecer o padrão de humildade que o Mestre cultivava, refletiu um momento e exclamou, comovido:

— Tens razão.

O velho apostolo não esperou qualquer justificativa de sua parte e, dando-lhe um abraço, mostrou-lhe um sorriso bom, deixando perceber que ambos deviam esquecer, para sempre, aquele minuto de divergência, afim de se unirem cada vez mais em Jesus Cristo.

Naquela mesma tarde, quando o Messias começou a ensinar a sabedoria do Reino de Deus, Simão, o Zelota, notou que havia na praia duas criancinhas inconscientes. Dominada pela nova luz que fluia dos ensinamentos do Mestre, a mãe delas não vira que se distanciavam, ao longo do primeiro lençol raso das águas; o velho pescador, atento á pregação e ás demais necessidades da hora em

curso, observou os dois pequeninos e acompanhou-os. Com uma boa palavra, tomou-os nos braços, sentando-se numa pedra e, terminada que foi a reunião, os restituíu ao colo maternal, em meio de suave alegria e sincero reconhecimento. Inspirado por uma força estranha á sua alma, o discípulo comprehendeu que o jubilo daquela tarde não teria sido completo se duas crianças houvessem desaparecido no seio imenso das aguas, separando-se para sempre dos braços amoraveis de sua mãe. No amago do seu espirito, havia um jubilo sincero. Compreendera com o Cristo o prazer de servir, a alegria de ser util.

Nessa noite, Simão, o Zelota, teve um sonho glorioso para a sua alma simples. Adormecendo de consciencia feliz, sonhou que se encontrava com o Messias, no cume de um monte que se elevava em estranhas fulgurações. Jesus o abraçou com carinho e lhe agradeceu o fraterno esclarecimento fornecido a Tiago, em sua lembrança, manifestando-lhe reconhecimento pelo seu cuidado terno com duas crianças desconhecidas por amor de seu nome.

O discípulo sentia-se venturoso naquele momento sublime. Jesus, do alto da colina prodigiosa, mostrava-lhe o mundo inteiro. Eram cidades e campos, mares e montanhas... Em seguida, o antigo pescador comprehendeu que seus olhos assombrados divisavam as paisagens do futuro. Ao lado de seu deslumbramento, passava a imensa familia humana. Todas as criaturas fitavam o Mestre, com os olhos agradecidos e resplandecentes de amor. As crianças lhe chamavam "amigo fiel", os jovens "verdade do céu", os velhos "sagrada esperança".

Simão acordou, experimentando indefinivel alegria. Na manhã imediata, antes do trabalho, procurou o Senhor e beijou-lhe a fimbria humilde da tunica, exclamando jubilosamente:

— Mestre, agora vos comprehendo!...

Jesus contemplou-o com amor e respondeu:
 — Em verdade, Simão, ser moço ou velho, no mundo, não interessa!... Antes de tudo, é preciso ser de Deus!...